

TRADIÇÃO E IDENTIDADE N'AS AVENTURAS DE NGUNGA¹

Denise de Paula Veras AQUINO²
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI)
Universidade Federal do Piauí (UFPI)
deniseveras1@gmail.com

Sebastião Alves Teixeira LOPES³
Universidade Federal do Piauí (UFPI)
slopes10@uol.com.br

Resumo: As relações possíveis entre tradição e identidade desencadeiam o interesse de teóricos em diversos aspectos dos saberes pós-coloniais. Tomar conhecimento dessas tradições nos permite compreender o processo de fixação da identidade angolana. A pesquisa apresentada neste resumo objetiva esclarecer a relação entre as tradições tribais e o processo de construção da identidade da nação angolana presentes na ficção *As aventuras de Ngunga*, do escritor Pepetela. Via de regra a literatura angolana traz consigo a procura pela identidade nacional, Pepetela é um dos autores pós-colonistas que discute esse assunto. Na ficção “*As aventuras de Ngunga*” essa discussão é apresentada aos guerrilheiros que serão educados por essa cartilha. Para dar fôlego ao debate será analisada a relação entre tradição, identidade e nação bem como um breve apanhado histórico da independência de Angola. O referencial teórico versa em autores como Lauriti, Bobbio, Inocência Mata, Caetano, Hobsbawm, Jane Tutikian, Tomaz Tadeu da Silva e Pepetela. Conclui-se, portanto, que a obra analisada nesta pesquisa exerce um papel de grande relevo na luta pela independência de Angola, vez que alia a busca pela liberdade concretizada nas ações bélicas e no pensamento político, com a construção literária que dá substrato para a criação de uma identidade cultural.

Palavras-chave: Tradição ; Identidade ; Angola ; Pós-Colonialismo ; Pepetela

Abstract: The possible relationships between tradition and identity trigger the interest of theoretical knowledge in various aspects of post-colonial. Take notice of these traditions allows us to understand the process of fixing the Angolan identity. The research presented in this paper aims to clarify the relationship between tribal traditions and the process of identity construction of the Angolan nation present in fiction's *As aventuras de Ngunga*, writer Pepetela. To give impetus to the debate will be analyzed the relationship between tradition, identity and nation as well as a brief overview of Angola's independence historiography. The theoretical versa authors such as Lauriti, Bobbio, Inocência Mata, Caetano, Hobsbawm, Jane Tutikian, Tomaz Tadeu da Silva and Pepetela.

Key-words: Tradition ; Identity ; Angola ; Pepetela ; Ngunga

Artur Pestana (Pepetela) escreveu *As aventuras de Ngunga* em 1972, e em 1973, em Angola, publicou-o como cartilha mimeografada através do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA).

¹Trabalho apresentado à disciplina Narrativas Pós-Coloniais, do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito essencial para a obtenção de nota.

²**Bibliotecária/Documentalista** do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI). Mestranda em Estudos Literários junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Email: deniseveras1@gmail.com

³**Professor Associado** da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutor em Língua Inglesa e Literatura Anglo-Americana (USP, 2002). Email: slopes10@uol.com.br

Em um depoimento publicado pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, através do Centro de Investigação para Tecnologias Interativas (CITI) o autor nos diz que esse livro não nasceu de uma necessidade estética, e sim da constatação de que os livros das escolas de base do MPLA necessitavam de textos de apoio que pudessem ser lidos em sua própria língua, o Mbunda^{4,5}.

O livro possui função didática e foi usado na educação das crianças não apenas durante a guerrilha, como também depois da independência de Angola. Como apontou Mata (2003, p.32) “Uma singela narrativa sobre o cotidiano das zonas libertadas durante a luta de libertação para servir de material didático nas escolas.” *As aventuras de Ngunga* trata da vida de um jovem órfão, um garoto de treze anos que, após ter perdido os pais, assassinados pelos colonialistas, começa numa vida de andanças. Perambulando, sempre sozinho, o garoto se vê em contato com a alma humana e traça, para ele mesmo, uma linha invisível que separa os adultos das crianças. Para ele os adultos são todos maus e egoístas. Isso pode ser percebido no seguinte trecho de diálogo entre Ngunga e o camarada professor: “— O Chivuala já é quase um homem. É por isso que começa a ficar mau e invejoso. — Para ti todos os homens são maus? Só as crianças são boas? — Sim”. (PEPETELA, 1983, p. 29-30)

Ngunga sonha tornar-se um dos guerrilheiros que lutam pela libertação de Angola. Na verdade Ngunga parece querer ser um justiceiro, aquele que deseja ir contra todas as atrocidades e injustiças que existem no mundo, ocorre que à medida que vai conhecendo mais o mundo e as pessoas a seu redor ele vai se desiludindo.

Sobre a saga de Ngunga, Lauriti (2008, p. 212) aponta:

A busca do pequeno Ngunga é pelo autoconhecimento, pela aprendizagem, pela compreensão dos valores revolucionários e para tal são necessárias a peregrinação, a experiência das ações vividas, a tomada de consciência da realidade, que metaforiza o trajeto por que deve passar também Angola para atingir a maturidade.

Nesse projeto Pepetela dá voz aos angolanos, de maneira que os portugueses colonialistas não tem, sequer, o direito de existir enquanto personagens. Durante a narrativa os colonizadores não passam de figurantes, os *tugas*.⁶

A redução dos portugueses a meros figurantes deixa transparecer o posicionamento da proposta do autor em relação ao movimento pela libertação de Angola: os colonos não tem significação frente aos nativos da região, eles são estranhos e, como tal, devem ser expulsos. Os que outrora foram calados pela mordada da colonização e da força nessa ficção surgem como protagonistas da rebelião pela independência.

Essa busca incessante de Ngunga pela justiça dá-se por sua indignação com a condição do ser humano. À medida que as andanças permitem ao pequeno protagonista “ver novas terras, novos rios, novas pessoas” (PEPETELA, 1983, p.20) ele também entra em contato com os costumes tribais que são difundidos de geração em geração. Alguns desses costumes, dos quais não gosta, Ngunga deseja mudar.

Pepetela é um dos autores pós-colonialistas que discute, em seus textos, a procura pela identidade nacional. Na ficção *As aventuras de Ngunga* essa discussão é apresentada aos guerrilheiros que serão educados por essa cartilha.

⁴ Abrem-se parênteses para um esclarecimento a respeito do Mbunda, que é um idioma falado em Angola e em Zâmbia. Existe um grupo étnico também chamado Mbunda, que vive na República Democrática do Congo. Esses não devem ser confundidos.

⁵ Disponível em: <<http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/pepetela/ngunga.html>> Acesso em: 08 ago.2013.

⁶ A temática relativa à redução dos portugueses a figurantes n’*As aventuras de Ngunga*, de Pepetela, será debatido com mais fôlego em outra pesquisa.

As referências culturais angolanas é que permitem estabelecer o sentimento de pertencimento entre os indivíduos. É isso que as personagens da ficção estudada têm em comum. Embora carreguem diferenças distintas entre si e até mesmo existindo rixas entre as tribos todos eles possuem algo em comum: o desejo de libertação, a não aceitação da colonização. Pepetela, (1983, p.41) aponta a reflexão de Ngunga acerca de seus conhecidos: todas as pessoas de quem ele gostava e de quem não gostava, sendo bons ou maus, todos tinham algo bom: recusavam-se a ser escravos e não aceitavam o colonialismo.

Essa não aceitação, negação ao servilismo constituiu a base para a libertação de Angola e, conseqüentemente, da criação da identidade do “ser angolano”. Para a construção dessa identidade a primeira negação foi a do colonizador. Nas palavras de SILVA (2013, p. 74) “A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é auto-contida e auto-suficiente.” A identidade só existe através de oposições. Neste sentido o “eu” só existe em função da negação do “outro”, essa diferença entre ambos passa a se cristalizar no processo de construção da identidade. O primeiro passo para as personagens dessa ficção tornarem-se “angolanas” foi estabelecer diferenças entre eles e os colonos, que são o “outro”. O processo de criar pontos em comum entre esses indivíduos fez com que brotasse neles o sentimento de unidade, o pertencimento.

“É necessário criar laços imaginários que permitam “ligar” pessoas que, sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum “sentimento” de terem qualquer coisa em comum.” (SILVA, 2013, p. 85)

Normalmente a Nação é concebida como um grupo de pessoas unidas por laços naturais e portanto eternos – ou pelo menos existente *ab immemorabili* – e que, por causa destes laços, se torna a base necessária para a organização do poder sob a forma do Estado nacional. (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 796)

Para se fazer uma correlação entre a criação da identidade angolana e a obra de Pepetela, faz-se necessário contextualizar historicamente o que se passava à época.

As guerras de resistência de Angola começaram na década de 50 quando, com a expansão econômica do país, começaram a surgir oportunidades de qualificação aos estudantes como a *Casa dos Estudantes do Império*. Localizada em Lisboa a *Casa dos Estudantes do Império* foi uma associação para jovens dos territórios ultramarinos terem oportunidades de estudar na metrópole.

A partir daí os jovens passaram a desenvolver um raciocínio crítico e a compreender as infinitas possibilidades de vazão que Angola não possuía. Começaram a se cumprir ações e mobilizações na busca pela liberdade de Angola.

O esforço feito pela classe intelectual angolana, no sentido da afirmação do facto cultural africano encontrou dois obstáculos: a falta de instrumentos e a falta de um quadro autônomo de e para a sua expressão. É que a colonização portuguesa impunha um limite duplo a todos aqueles que pretendiam representar os valores locais: não somente a língua utilizada devia ser a do colonizador, mas também, e sobretudo, o pensamento expresso devia estar em sintonia com os princípios da colonização portuguesa. (JORGE, 2006, p. 4)

A juventude intelectualizada, a partir do movimento *Vamos descobrir Angola*, passou a externar toda sua indignação e inquietude diante da situação do país. Essa necessidade de afirmação foi se configurando ao longo dos movimentos culturais desenvolvidos por esses intelectuais, indivíduos ativos, que buscavam reconstituir o sentimento de angolanidade perdido, reconstruindo a nação usurpada durante a colonização.

A maioria desses intelectuais era constituída de escritores que buscavam dar voz aos marginalizados, lutavam também por uma literatura angolana. Em meio a esse turbilhão cultural de intelecto e ideologia também surgiam os partidos políticos. Essa fertilidade cultural desencadeou uma onda de perseguição aos integrantes do MPLA que era formado, em sua maioria, por escritores e mentes pensantes.

Em 1961, os militantes de MPLA decidem pela primeira luta armada, pela libertação dos companheiros. A reação portuguesa é muito violenta. Portugal fecha, na metrópole, a Casa dos Estudantes do Império e a Associação dos Escritores. Fecha toda a entidade cultural democrática, em Angola, como a Sociedade Cultural de Angola, o Cine-clube de Luanda, a Associação dos Naturais de Angola... Intervém na Liga das Nações Africanas. Destroí as editoras e gráficas. Proíbe a circulação da literatura angolana e leva para lá apenas os textos de qualidade inferior, comerciais, que não interessam à Europa. Enchem-se as prisões e o tribunal Militar de Angola passa a um desempenho intenso. Renova-se a mentalidade de que a história angolana é a portuguesa, a cultura angolana é a portuguesa, a literatura angolana é a portuguesa. Entretanto, o tempo, a consciência e, sobretudo, o sentimento já não são os mesmos e a guerrilha pela libertação ganha a colônia. (TUTIKIAN, 2006, p. 95)

Em 15 de janeiro de 1975 são assinados os Acordos de Alvor, pela independência de Angola. Esses acordos foram assinados pelos movimentos Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), o Movimento pela Libertação de Angola (MPLA) e União Nacional pela Independência Total de Angola (UNITA), entretanto para depois da declaração da independência deu início a Guerra Civil Angolana entre os três movimentos. Essa guerra durou até 2002 e terminou com a morte do líder da UNITA. Em 1992 aconteceram as primeiras eleições democráticas de Angola dos quais o MPLA saiu vencedor.

Para alcançar tal independência, foi necessária a criação de uma identidade cultural que encontrou nas tradições africanas sua matéria prima.

Via de regra quando vem à tona a questões da tradição africana, é dada ênfase maior à tradição oral e, de fato, essa é uma das referências culturais mais fortes nas tribos africanas, posto que entre muitas tribos a herança cultural era passada oralmente de geração a geração e o processo de preservação da cultura, dos conhecimentos e das tradições dependiam dessas narrativas.

O romance de Pepetela apresenta-nos a alguns costumes dos povos angolanos. E um destes costumes é a narrativa oral, a qual é enfatizada ao longo de toda ficção. Logo nas primeiras páginas do romance o autor apresenta esse costume quando Ngunga decide ficar numa Seção onde acabara de chegar.

Gostava de ficar nas fogueiras, à noite, ouvindo cenas da guerra. As conversas eram sempre as mesmas: a guerra. Contavam-se episódios velhos ou novos, conhecidos ou não. E todos riam ou batiam palmas ou suspiravam de tristeza. (PEPETELA, 1983, p.18)

Pepetela apresenta, nesse romance, uma proposta de reconstrução identitária das comunidades angolanas através do viés socialista da revolução, nesse sentido as tradições seriam também revisadas com o objetivo de estar em unidade com os novos angolanos. A permanência ou não de uma tradição no seio das comunidades dependeria de seu real significado para os povos em questão.

Sendo as tradições produtos da criação humana é compreensível o mecanismo de construção das identidades e nacionalismos. Os costumes e mitos são inventados de acordo com o foco do interesse político: “todas as tradições são ‘inventadas’ na medida em que elas

são construídas e mobilizadas pelos fins políticos atuais de um modo ou de outro.” (McCRONE, 2002, p. 44, tradução nossa).

Seguindo esse raciocínio é possível localizar no romance aqui estudado, momentos que representam o caminho trilhado no processo de formação das novas identidades angolanas. O sepultamento ou permanência de determinadas tradições será decidido mediante sua concordância com os novos ideais do povo.

Para melhor ilustrar a construção dessa nova identidade, tem-se que, no decorrer da narrativa, Ngunga apaixonou-se por Uassamba, uma jovem de 13 anos pertencente a um dos *kimbos* por onde ele esteve. Todavia esse amor, apesar de correspondido, não pôde se concretizar haja vista o fato de que a jovem já era casada com o chefe da tribo, Chipoya. Assim, para tê-la como esposa, Chipoya pagou *alambamento* aos pais da garota, prática essa que nada mais era do que a venda da moça pela família. E sobre esse costume Ngunga pensa: “Porque o Mundo era assim? Tudo o que era bonito, bom, era oprimido, esmagado, pelo que era mau e feio. Não, não podia. Porque ele a comprara à família? Como um boi que se compra ou uma *quinda* de fubá?” (PEPETELA, 1983, p.52, grifo nosso)

Ngunga não aprovava o costume de vender mulheres praticado pelos integrantes das tribos, queria que essa prática fosse extinta, pensamento ao qual Mavinga argumentava que para acabar com esse e outros costumes ele deveria estudar. O guerrilheiro ensina ao protagonista que o estudo é a única maneira de conseguir alcançar tais mudanças.

Queres lutar para melhorar a vida de todos. Para isso, tens de estudar. [...] Oh, este Mundo está todo errado! Nunca se pode fazer o que se quer! – Hei de lutar para acabar com a compra das mulheres [...] – Não são bois!

– Para isso precisas de estudar. Eu não sei sobre o *alambamento*. Sempre se fez, os meus avós ensinaram-me isso. Mas se achas que está mal e que é preciso acabar com ele, então deves estudar. Como aceitarão o que dizes, se fores um ignorante como nós? (PEPETELA, 1983, p.54, grifo nosso)

Nesse trecho conseguimos alcançar a estratégia de sepultamento das tradições que desagradam aos novos sujeitos de Angola, que são entendidas pelo novo indivíduo como degradantes, não pertencentes ao ideal de vida pelo qual luta o movimento de libertação. O estudo é, assim, um estratagema político para alcançar mudanças na postura social, no comportamento dos indivíduos que formam a nação.

Não se trata de um mero resgate à cultura que existia anteriormente à colonização, mas, sobretudo, da criação de uma nova identidade cultural modernizada.

A necessidade de se modernizar surge da inegável influência da colonização portuguesa sofrida pelo angolano que, nas palavras de Jorge, recebe o nome de interação:

Tendo acedido à cultura portuguesa através da instrução, o angolano encontra-se face a um dilema cultural: politicamente, ele é um assimilado aos portugueses, mas deverá ele, também, ser culturalmente português? A solução do dilema depende de factores dependentes e independentes da vontade dos indivíduos. Sob o efeito da interacção das culturas, a língua portuguesa africanizou-se e o homem europeu também se angolanizou. (JORGE, 2006, p. 5)

Portanto, conhecer essas tradições e seu remodelamento, nos permite compreender o processo de fixação da identidade angolana, visto que o estabelecimento dessa identidade só é possível mediante as referências culturais das tribos.

E são justamente tais referências culturais angolanas que o romance de Pepetela busca fixar na consciência coletiva, formando uma identidade cultural e criando condições favoráveis à formação de uma nação. Tal nacionalismo é o mote da narrativa:

O nacionalismo é a expressão da luta de uma nação para obter o reconhecimento da sua Identidade Nacional, o que supõe a existência de um substrato cultural comum, a afirmação de valores e interesses gerais, em detrimento dos interesses particulares. (JORGE, 2006, p. 3)

Tal sentimento é notado concretamente na obra de Pepetela quando o autor, em momentos distintos, trata a disputa entre valores individuais e valores coletivos.

O homem falava com dificuldade, por causa dos soluços. Ngunga perguntou: – Mas que trabalho fez? – Indiquei o sítio da escola. Fui lá mostrar-lhes. Mas vocês defenderam-se bem. Eles queriam recuar quando perceberam que as vossas munições estavam a acabar. – Então você que nos traiu? Foi mostrar o sítio? – Que queres? Senão iam bater-me, talvez matar-me... Ngunga não respondeu. Um homem tão grande, cheio de força. Um covarde! O outro continuou a lamentar-se, lamentos cortados pelos soluços.” (PEPETELA, 1983, p. 34-35)

De um lado o autor retrata com esse personagem a priorização dos valores individuais em detrimento dos valores coletivos, mas o faz com uma crítica do protagonista, evidenciando claramente a proposta do livro na defesa do nacionalismo.

Prova disto é que, de outro lado, momentos depois, na narrativa, o guerrilheiro de codinome União, que também fora preso numa emboscada, assim como Ngunga, não trai o movimento mesmo depois de sofrer violentas torturas. A esse respeito o protagonista reflete:

União, sim, União era um homem. Combateu até o fim e sempre preocupado com a salvação de Ngunga. E agora recusava ajudar os tugas a apanharem o Comandante Mavinga. União era seu professor e amigo: o orgulho vez Ngunga esquecer o sofrimento. (PEPETELA, 1983, p. 35)

A diferença entre o modo de agir desses dois personagens reflete de forma bastante didática a importância da criação de uma identidade na fixação do nacionalismo. O próprio codinome adotado pelo segundo personagem (União) da narrativa parece fazer uma referência com a característica de ligação que é intrínseca ao processo de criação de uma identidade que leve à formação de uma nação.

Ainda nesse sentido, Caetano (2006, p. 44-45) fala que o livro de Pepetela deixa claro essa relação entre os comprometimentos dos indivíduos e dos grupos que interagem na luta pela independência, fazendo uma contraposição entre personagens individualistas e o ideal coletivo de edificação de uma nação.

Outro aspecto que merece destaque na proposta do autor, que busca educar para o nacionalismo, é a redação da obra com a língua nativa local, o *Mbunda*. Vale aqui ressaltar o que diz Hobsbawm sobre a influência da linguagem na construção da identidade e, por conseguinte, na fixação do nacionalismo:

O que dizer da linguagem? Não será a verdadeira essência daquilo que distingue um povo de outro, ‘nós’ de ‘eles’, seres humanos reais dos bárbaors que não podem falar uma língua genuína mas apenas proferem ruídos incompreensíveis? Cada Leitor da Bíblia não aprendeu, no episódio da Torre de Babel, como o inimigo foi tomado como amigo pela correta pronúncia da palavra shibboleth? Não se definiram assim os gregos, como protonacionalistas, contra o restante da humanidade, os ‘bárbaros’? A mais óbvia barreira para a comunicação não será a ignorância da língua de outro grupo, e portanto aquilo que mais claramente define as linhas que separam os grupos? Assim, a criação ou a fala de uma gíria especial não serve ainda para marcar as pessoas como membros de uma subcultura que deseja

separar-se de outras subculturas ou de toda a comunidade? (HOBSBAWM, 1991, p. 68)

É justamente essa identidade subtraída pelo método de colonização português, que impõe a língua portuguesa como idioma padrão, que a proposta de Pepetela busca resgatar ao redigir sua obra em *Mbunda*, língua regional falada em Angola.

Conclui-se, portanto, que a obra analisada neste artigo exerce um papel de grande relevo na luta pela independência de Angola, vez que alia a busca pela liberdade concretizada nas ações bélicas e no pensamento político, com a construção literária que dá substrato para a criação de uma identidade cultural.

Através da obra literária e de forma didática o autor não só busca reconstruir uma identidade angolana, como o faz modernizando-a, ou seja, adaptando as tradições, de modo a criar uma realidade ideal, como um padrão a ser atingido pela nova nação.

Assim é que a obra literária não só resgata, mas cria uma identidade cultural através de heróis fictícios que, moldando tradições, retratam aos angolanos um ideal de nação a ser buscado. Tal ideal, por sua vez, se traduz na força que liga os indivíduos em torno de uma finalidade comum e permite a edificação de uma nova nação com valores próprios.

REFERÊNCIAS

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 4. ed. Brasília: Editora Unb, 1998. 1318 p

CAETANO, Marcelo José. A pedagogia da esperança em *As aventuras de Ngunga*. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p.43-53, 2006. Semestral.

HOBSBAWM, Eric J.. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. 230 p.

JORGE, Manuel. Nação, identidade e unidade nacional em Angola: conceitos, preceitos e preconceitos do nacionalismo angolano. **Latitudes**, Paris, n. 28, p.3-10, 01 dez. 2006. Triannual.

LAURITI, Thiago. *As aventuras de Ngunga*, de Pepetela: muito além da cartilha. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 14, p. 211-216, 14 dez. 2008. Anual.

MATA, Inocência Luciano dos Santos. Um escritor (ainda) em busca da utopia. In: INSTITUTO CAMÕES – CENTRO CULTURAL PORTUGUÊS. **Homenagem a Pepetela**. Luanda: Instituto Camões, 1999. p. 30-56.

McCRONE, David. **The sociology of nationalism: tomorrow**. London: Routledge, 2002. 207 p.

PEPETELA. **As aventuras de Ngunga**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1983. 62 p. (Coleção Autores Africanos).

PEPETELA. **As aventuras de Ngunga**. Disponível em: <
<http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/pepetela/ngunga.html>>. Acesso em: 08 ago.
2013

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. Cap. 2, p. 73-102.

TUTIKIAN, Jane. Pepetela: uma identidade utópica e uma identidade distópica para Angola. In: TUTIKIAN, Jane. **Velhas identidades novas**: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006. Cap. 4, p. 89-129. (Ensaio).